



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUI**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 11/09/2015 a 17/09/2015

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUI e aluna do Tecnólogo em Processos Gerenciais - UNIJUI.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
11/09/2015	8,87	314,10	26,58	4,75	3,74
14/09/2015	8,82	312,70	26,89	4,85	3,79
15/09/2015	8,89	318,60	26,47	4,94	3,90
16/09/2015	8,87	316,30	26,68	4,88	3,86
17/09/2015	8,84	313,20	26,67	4,81	3,79
Média	8,86	314,98	26,66	4,85	3,82

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais* (compra e venda)
no mercado de lotes brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média	Var. % relação média anterior
RS - Passo Fundo	79,70	1,85
RS - Santa Rosa	79,00	1,61
RS - Ijuí	79,00	1,61
PR - Cascavel	76,50	1,24
MT - Rondonópolis	72,80	2,36
MS - Ponta Porá	73,05	0,93
GO - Rio Verde (CIF)	74,00	0,85
BA - Barreiras (CIF)	74,20	2,70
MILHO		
Argentina (FOB)**	163,80	4,66
Paraguai (FOB)**	100,00	0,00
Paraguai (CIF)**	129,00	0,00
RS - Erechim	30,70	2,33
SC - Chapecó	29,50	2,61
PR - Cascavel	27,00	4,35
PR - Maringá	27,00	4,85
MT - Rondonópolis	21,00	0,00
MS - Dourados	23,80	5,78
SP - Mogiana	28,20	1,62
SP - Campinas (CIF)	32,85	6,18
GO - Goiânia	25,15	2,65
MG - Uberlândia	26,75	0,94
TRIGO		
RS - Carazinho	625,00	0,00
RS - Santa Rosa	625,00	0,00
PR - Maringá	707,00	1,00
PR - Cascavel	675,00	0,00

*Período entre 11/09/2015 a 17/09/2015

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 17/09/2015**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	24,95	71,08	30,81

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
17/09/2015**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	35,21
Feijão (saco 60 Kg)	115,63
Sorgo (saco 60 Kg)	21,40
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,00
Leite (litro) cota- consumo (valor líquido)	0,87
Boi gordo (Kg vivo)*	4,81

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND: Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER

MERCADO DA SOJA

As cotações em Chicago pouco se alteraram nesta semana. Apesar de o relatório do USDA, divulgado no dia 11/09, ter sido novamente baixista em relação às expectativas do mercado, parte dos analistas continuam considerando que a safra final nos EUA será menor do que o volume até o momento anunciado. Isso provocou ajustes técnicos em diferentes momentos da semana, mantendo as cotações estáveis.

Desta forma, o fechamento desta quinta-feira (17) ficou em US\$ 8,84/bushel, idêntico ao de uma semana atrás (primeiro mês cotado). Para maio, o fechamento ficou em US\$ 8,92.

O relatório do USDA acabou aumentando a produção estadunidense para 107,1 milhões de toneladas para este ano de 2015/16, colheita esta que está se iniciando. Praticamente manteve os estoques finais, com os mesmos ficando em 12,3 milhões de toneladas nos EUA. Com isso, não alterou o patamar de preços a serem pagos aos produtores estadunidenses neste novo ano comercial, com o mesmo se estabelecendo entre US\$ 8,40 e US\$ 9,90/bushel, indicando que os atuais preços em Chicago estão dentro do mesmo. Em termos mundiais, o relatório reduziu em meio milhão de toneladas a safra global de soja, definindo a mesma em 319,6 milhões de toneladas. Os estoques finais mundiais da oleaginosa, para 2015/16, foram reduzidos em quase dois milhões de toneladas, porém, se mantendo ainda muito elevados (85 milhões de toneladas, contra 78,7 milhões em 2014/15 e 62,7 milhões de toneladas em 2013/14). O consumo chinês permaneceu estimado em 79 milhões de toneladas (o governo chinês estima um volume de 78 milhões de toneladas), enquanto a produção do Brasil e da Argentina seria de 97 e 57 milhões de toneladas respectivamente.

Imediatamente ao anúncio do relatório o mercado despencou, porém, posteriormente voltou a se recuperar, se mantendo praticamente nos mesmos níveis da semana anterior. O que está sustentando as cotações é a expectativa de uma safra real menor do que o estimado pelo USDA. Nesse sentido, ajudou o raciocínio o fato de o USDA ter reduzido a qualidade das lavouras dos EUA em seu relatório de 08/09. Agora, 61% estão entre boas a excelentes, 27% regulares e 12% entre ruins a muito ruins. Igualmente, o esmagamento de soja em agosto, nos EUA, ficou acima do esperado pelo mercado, atingindo a 3,68 milhões de toneladas, contra 3,64 milhões esperados. Todavia, em julho, o esmagamento havia alcançado 3,95 milhões de toneladas.

Outro fator que auxiliou na manutenção das cotações foi o anúncio pelo USDA de que os produtores estadunidenses, que fazem parte do programa de subsídios do governo, terem deixado de semear 898.422 hectares com soja devido às intempéries (o número anterior era de 878.187 hectares). Isso aumenta o sentimento dos operadores na Bolsa de que a área realmente semeada com soja foi menor do que o indicado, podendo se refletir em um volume final de safra menor do que vem sendo anunciado.

Nesse contexto, a partir de agora será efetivamente a evolução da colheita que indicará quem tem razão e, por conseqüência, para que lado irá os preços.

No mercado brasileiro, o câmbio continuou sendo o elemento central dos preços. Durante a semana o mesmo chegou a R\$ 3,90 por dólar em alguns momentos, retrocedendo, posteriormente, para R\$ 3,83 a partir do anúncio de um novo pacote

econômico por parte do governo federal. Todavia, como esse pacote ainda precisa passar pelo Congresso Nacional, nada está definido e muita volatilidade cambial continuaremos a vivenciar.

Nesse quadro, em plena entressafra, quem ainda tem soja para comercializar está segurando o produto, esperando preços ainda mais elevados.

Ora, os preços atuais são excelentes, na medida em que a média semanal gaúcha fechou em R\$ 71,08/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 79,00 e R\$ 79,50/saco. Nas demais praças nacionais os lotes registraram R\$ 68,50/saco no Nortão do Mato Grosso, até R\$ 76,50/saco no norte do Paraná. No ano passado nesta época, o balcão gaúcho estava em R\$ 53,31/saco, enquanto os lotes giravam entre R\$ 57,85 e R\$ 58,85/saco. Isso significa que, em um ano, apesar do recuo em Chicago (o bushel, na época, valia US\$ 9,82) a desvalorização do Real deu ganhos importantes à soja nacional. Ou seja, enquanto o bushel perdeu 9,7% no período, o saco de soja no balcão gaúcho ganhou 33,3%. Nas demais praças nacionais, o Nortão do Mato Grosso ganhou 26,8% em seus preços médios nos lotes (seu preço médio, um ano atrás, era de R\$ 54,00/saco), enquanto o norte do Paraná, que registrava um preço médio de R\$ 58,50/saco um ano antes, ganhou 30,8%. Assim sendo, mais uma vez se confirma que o câmbio tem salvado, neste ano de 2015, o preço da soja brasileira. O problema é que tamanha desvalorização cambial eleva proporcionalmente os custos de produção, os quais não recuam nos mesmos níveis, quando ocorrer o recuo dos preços do produto na medida em que o câmbio se acomodar em patamares mais racionais.

Na BM&F, a semana fechou com o contrato de novembro/15 em US\$ 19,56/saco, enquanto janeiro/16 ficou em US\$ 19,64; março em US\$ 18,69; e maio em US\$ 19,73/saco.

No atual contexto cambial, os preços futuros da soja continuam igualmente excelentes. O interior gaúcho, para maio, registra R\$ 76,50/saco FOB. Paranaguá (porto), para o produto CIF o valor ficou em R\$ 79,50/saco para março/abril; no Mato Grosso (Rondonópolis) o valor é de R\$ 68,00/saco para fevereiro/abril; em Dourados (MS) o saco foi cotado a R\$ 68,00 CIF para fevereiro, o mesmo sendo para Rio Verde (GO). Na região de Brasília, para abril, o produto esteve em R\$ 69,00/saco CIF; enquanto em Uberlândia (MG) o valor alcançou R\$ 70,00/saco nas mesmas condições. Enfim, na Bahia, Maranhão, Piauí e Tocantins, para maio/16, o saco de soja CIF ficou respectivamente em R\$ 71,00, R\$ 71,00, R\$ 72,00 e R\$ 70,00. (cf. Safras & Mercado)

Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 27/08 a 17/09/2015.

Gráfico da Variação das Cotações do GRÃO DE SOJA entre 27/08 e 17/09/2015 (CBOT)

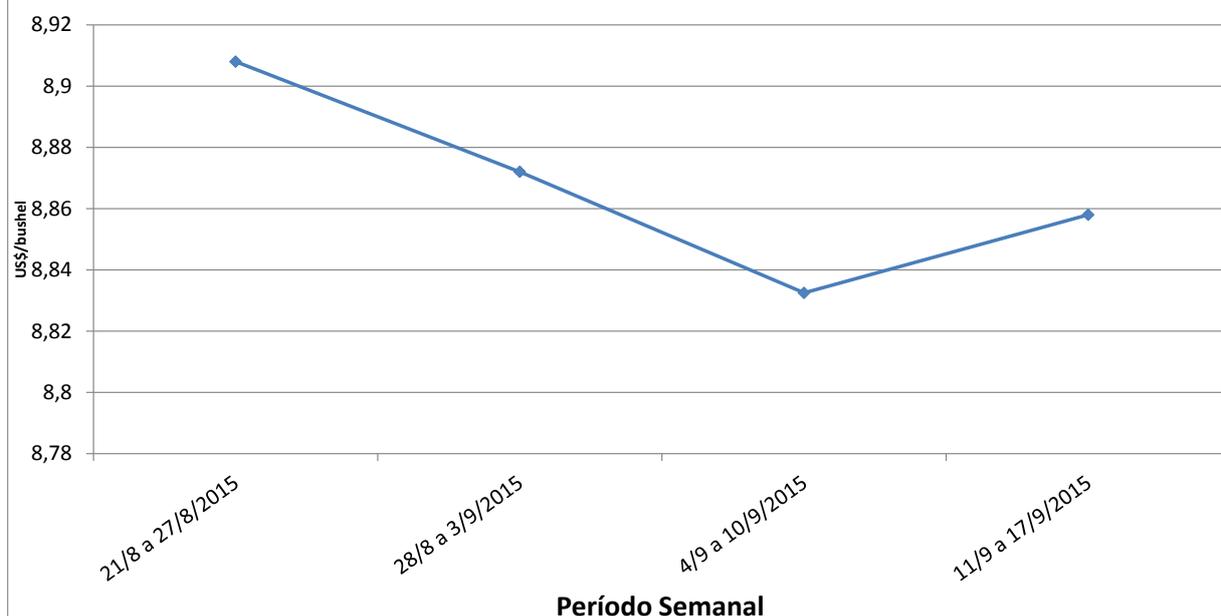
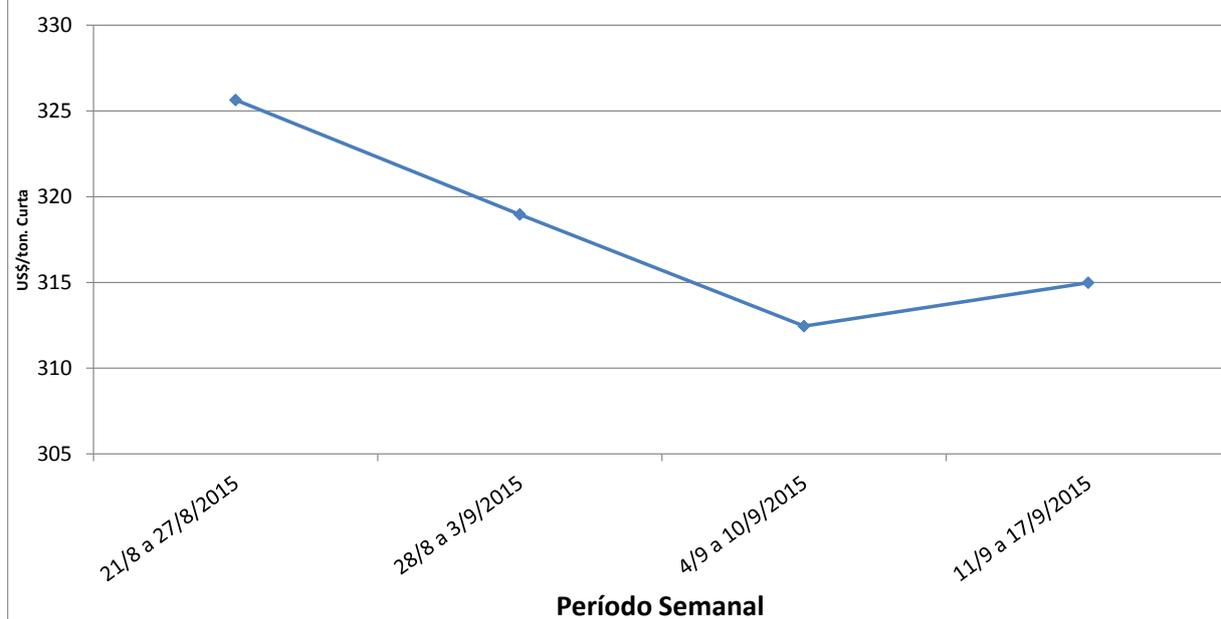
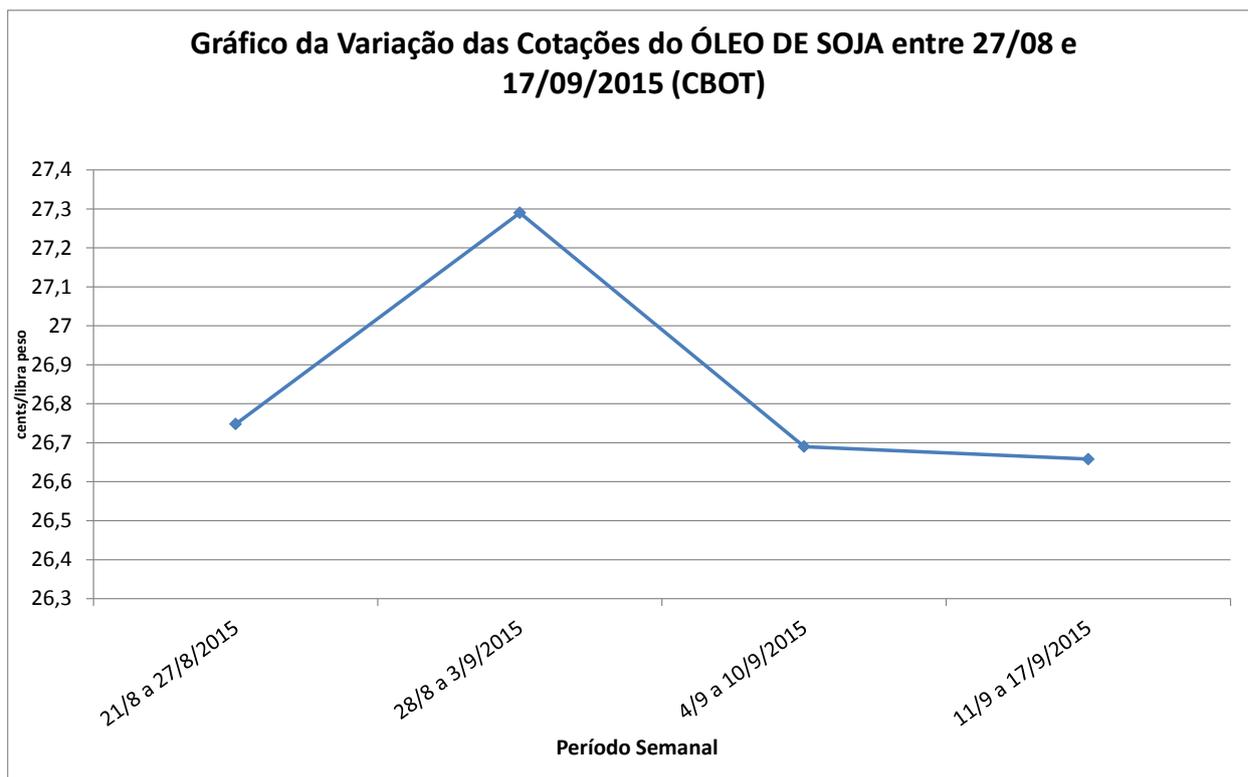


Gráfico da Variação das Cotações do FARELO DE SOJA entre 27/08 e 17/09/2015 (CBOT)





MERCADO DO MILHO

As cotações do milho se elevaram um pouco na semana, fechando a quinta-feira em US\$ 3,79/bushel em Chicago, após US\$ 3,86 na véspera. Uma semana antes o bushel havia sido cotado em US\$ 3,61. Tal comportamento se deu em função do relatório do USDA, anunciado no dia 11/09, o qual foi altista para o cereal.

O referido relatório indicou uma safra de 345,1 milhões de toneladas nos EUA, a qual já está em processo de colheita. Esse número é 2,5 milhões de toneladas inferiores ao volume indicado em agosto. Já os estoques finais nos EUA foram reduzidos para 40,4 milhões de toneladas, contra 43,5 milhões em agosto. Com isso, o patamar de preços médios aos produtores dos EUA, para 2015/16, foi elevado para US\$ 3,45-US\$ 4,05/bushel. Em termos mundiais, o relatório reduziu a safra global para 978,1 milhões de toneladas (7,5 milhões a menos do que o anunciado em agosto), enquanto os estoques finais mundiais recuam para 189,7 milhões de toneladas, contra 195,1 milhões em agosto. A produção brasileira seria de 79 milhões de toneladas e a argentina de 25 milhões. A projeção é de exportações brasileiras ao redor de 24 milhões de toneladas.

Entretanto, os preços não subiram mais porque a pressão da colheita estadunidense se faz sentir a partir de agora. Até o dia 13/09 a mesma atingia a 5% da área, ficando abaixo da média histórica que é de 9% para a época. Ao mesmo tempo, contrariamente à soja, as condições das lavouras permaneceram iguais ao anunciado na semana

anterior, ou seja, 68% entre boas e excelentes, 22% regulares e 10% entre ruins a muito ruins.

Dito isso, na Argentina a tonelada de milho FOB viu seu preço melhorar um pouco nesta semana, com o produto subindo para US\$ 163,00. Enquanto isso, no Paraguai a tonelada permaneceu, na média, em US\$ 100,00.

Aqui no Brasil, os preços médios melhoraram puxados especialmente pela desvalorização do Real. A média gaúcha na semana ficou em R\$ 24,95/saco, enquanto os lotes registraram R\$ 30,50/saco. Nas demais praças nacionais os lotes giraram entre R\$ 17,00/saco no Nortão do Mato Grosso e R\$ 29,00/saco nas regiões catarinenses de Videira, Concórdia e Campos Novos, além de Pato Branco (PR). Um ano atrás, o balcão gaúcho pagava R\$ 22,12/saco, enquanto os lotes eram cotados a R\$ 23,00/saco. No Nortão do Mato Grosso os lotes estavam em R\$ 12,50/saco, enquanto em Santa Catarina oscilavam entre R\$ 23,00 e R\$ 23,50/saco. Ou seja, a recuperação dos preços neste mês de setembro permite que o milho se valorize um pouco mais do que a inflação oficial destes últimos 12 meses, que é de 9,5%.

É bom frisar que, no sul do Brasil, fortes geadas ocorreram no final de semana entre o 10 e o 13/09, fato que deverá ter provocado perdas nas lavouras recentemente semeadas. Resta esperar para ver o quanto deste milho terá capacidade de rebrote e o quanto desta área atingida será replantada ou, então, será transferida para a soja, fato que reduzirá a projeção da colheita de verão do cereal.

Nesse contexto, no momento, alimentados por um câmbio anormal, os preços do milho no porto de Santos chegaram a R\$ 36,00/saco durante a semana, enquanto em Paranaguá bateram em R\$ 34,00/saco. Essa forte alta nos portos acaba puxando os preços nas regiões produtoras, mesmo aquelas com safrinha. Em Campinas o referencial de preços oscilou entre R\$ 32,50 e R\$ 33,00/saco. Nesse quadro, quem tem milho tenta esperar para vender, especulando preços ainda mais elevados. O problema é que o espaço para novas desvalorizações importantes do Real está praticamente inexistente na medida em que o país já perdeu o grau de investimento (o mercado havia precificado antes o fato) e o governo reage com medidas econômicas para acelerar o ajuste fiscal. Resta saber o que ocorrerá no front político, onde a pressão pela saída da presidente Dilma tem aumentado.

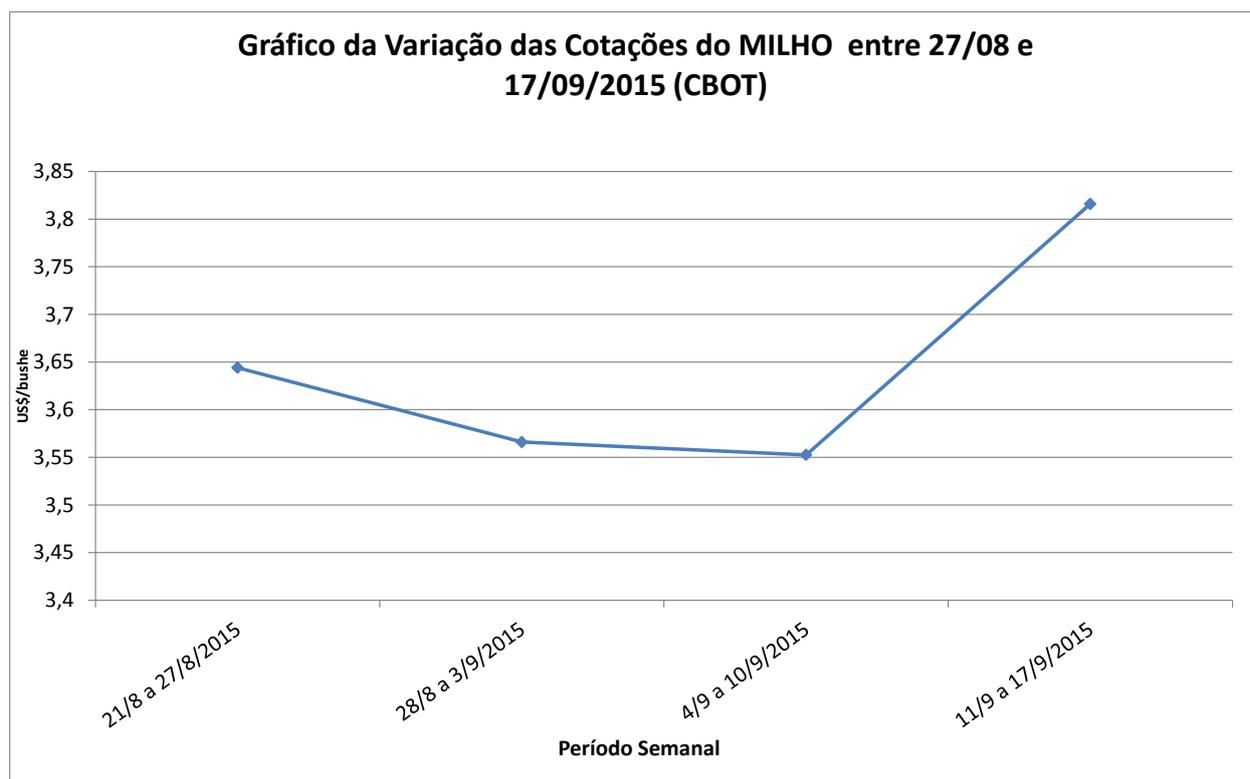
Pelo lado das exportações, mesmo com um câmbio extremamente favorável, os volumes ainda não são significativos. A primeira quinzena de setembro registra apenas 1,06 milhão de toneladas vendidas pelo Brasil.

A tendência indica que, em continuando a volatilidade cambial, os preços do milho se mantêm firmes. Em se acomodando o câmbio (o que se espera que ocorra até o final do ano), os preços podem recuar pela pressão da oferta e dificuldades de exportação até o momento. No entanto, as intempéries no sul do país podem localmente elevar os preços do cereal já que Rio Grande do Sul e Santa Catarina são tradicionais importadores de milho.

Enfim, ajuda a manter firme o preço do cereal no país o fato de que os compradores têm necessidade do cereal, sendo obrigados a aceitar preços mais elevados oferecidos pelos vendedores.

A semana terminou com a importação, no CIF indústrias brasileiras, valendo R\$ 52,43/saco para o produto dos EUA e R\$ 48,09/saco para o produto argentino, ambos para setembro. Já o produto argentino para outubro ficou em R\$ 50,39/saco. Na exportação, o transferido via Paranaguá registrou os seguintes valores: R\$ 33,55/saco para setembro; R\$ 33,88 para outubro; R\$ 34,17 para novembro; R\$ 33,99 para dezembro; R\$ 34,98 para janeiro; R\$ 34,79 para fevereiro; e R\$ 35,09/saco para março. (cf. Safras & Mercado)

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 27/08 a 17/09/2015.



MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago voltaram a se recuperar um pouco mais durante a semana, fechando a quinta-feira (17) em US\$ 4,81/bushel, tendo chegado mesmo a US\$ 4,94 no dia 15/09. Uma semana antes o bushel registrou US\$ 4,68. E isso apesar de o relatório do USDA, anunciado no dia 11/09, ter sido baixista. Todavia, o mercado esperava que os volumes indicados viessem ainda mais altos, fato que motivou o ajuste técnico para cima.

Efetivamente, o relatório manteve a safra dos EUA, para 2015/16, em 58,13 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais neste país subiram levemente, ficando agora

em 23,8 milhões de toneladas. Com isso, o patamar de preços aos produtores estadunidenses, para o ano em questão, foi levemente reduzido, ficando entre US\$ 4,65 e US\$ 5,35/bushel. Em termos mundiais, o relatório indicou uma safra total de 731,6 milhões de toneladas (um aumento de 5,1 milhões de toneladas sobre agosto) e estoques finais de 226,6 milhões de toneladas, igualmente com crescimento de 5,1 milhões de toneladas. Ou seja, há muito trigo no mundo e isso deverá manter a pressão baixista sobre os preços internacionais.

Por sua vez, ainda nos EUA, a colheita do trigo de primavera alcançava 97% da área até o dia 13/09, contra 86% na média histórica. Já o trigo de inverno atingia 9% colhido, ficando dentro da média histórica. O clima tem sido positivo para o trigo estadunidense, fato que, associado ao dólar forte, segura os preços locais.

A tonelada de trigo para exportação, junto aos países vizinhos do Mercosul (Argentina, Uruguai e Paraguai), voltou a recuar durante a semana, ficando entre US\$ 170,00 e US\$ 230,00 FOB.

Aqui no Brasil o preço médio no balcão gaúcho voltou a subir um pouco, fechando a semana em R\$ 30,81/saco (um ano atrás o balcão gaúcho pagava R\$ 25,42/saco). Nos lotes, a semana fechou com a tonelada valendo R\$ 600,00 ou R\$ R\$ 36,00/saco para o produto de qualidade superior. No Paraná, no entanto, os preços estão subindo para a nova safra. Houve fortes prejuízos com as chuvas dos últimos dias, fato que eleva a procura pelo produto de qualidade superior. Assim, o norte do Estado, onde a qualidade está boa, a tonelada passou a R\$ 700,00-R\$ 720,00, ou seja, R\$ 42,00 a R\$ 43,20/saco ao produtor. Já no oeste do Estado, onde a colheita chegou a 70%, sendo grande parte em produto inferior, os preços estão entre R\$ 630,00 e R\$ 640,00/tonelada, ou seja, entre R\$ 37,80 e R\$ 38,40/saco. No geral, o Paraná já havia colhido 28% de sua área até meados de setembro.

Vale ainda destacar que fortes geadas atingiram o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, provocando prejuízos ainda não oficialmente contabilizados. Segundo produtores consultados, tais prejuízos variam entre 20% a 70% dependendo do estágio e da localização das lavouras.

Esse conjunto de novidades aumentou a liquidez pelo trigo brasileiro da safra nova, pois as importações continuam muito caras devido ao câmbio. Os produtores paranaenses, por exemplo, sabendo do novo quadro de oferta, só estão vendendo o estritamente necessário, segurando o produto. É bom lembrar que apenas 5% da safra paranaense foi negociada antecipadamente. Por outro lado, mesmo diante deste novo movimento do mercado, os principais moinhos nacionais não estão demonstrando muito interesse de compra devido ao fato de ainda estarem abastecidos e, também, pela continuidade da dificuldade em vender a farinha. Essa realidade igualmente se reflete em menores importações nacionais de trigo.

Nesta semana, pela paridade de importação, o trigo argentino chegava ao Brasil 27,5% mais caro que o preço nacional, enquanto o produto dos EUA chegava 30% mais elevado. Em permanecendo este quadro cambial, e em se confirmando perdas de qualidade importantes no Paraná e no Rio Grande do Sul (além de volume), o produto de qualidade superior, no Brasil, tende a subir ainda mais de preço futuramente.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 27/08 a 17/09/2015.

